

ANÔNIMO. *Saga dos Volsungos*. Tradução de Théo de Borba Moosburger. São Paulo: Editora Hedra, 2009, 156 pp., ISBN: 978-85-7715-112-7.

Johnni Langer¹

Dentre toda a produção literária do medievo, certamente as sagas islandesas ocupam um lugar singular, tanto em termos estéticos quanto em importância histórica e social. Ao mesmo tempo em que permitem o estudo da antiga sociedade dos vikings (793-1066 d.C.), fornecem valiosas informações sobre o período em que foram escritas, do século XIII ao XV.²

O recente lançamento da tradução da *Saga dos Volsungos*, confirma não somente o recente interesse brasileiro pela Escandinávia, mas de modo mais específico, a um campo vasto de possibilidades que representa a literatura escandinava. A *Saga dos Volsungos* é uma das narrativas islandesas mais famosas, mas dentro do subgrupo das denominadas sagas lendárias, continua sendo a mais influente. Composta provavelmente em meados da primeira metade do século XIII, seu conteúdo foi baseado em uma tradição muito mais antiga, denominada nibelungiana,³ que remonta ao período das migrações germânicas, e contém alguns personagens históricos da Antiguidade Tardia – como Jormunrek (rei dos Godos) e Átila (rei dos Hunos). Além disso, também foi baseado em outros ciclos germânicos, como o de Helgi e o de Jormunrek, tendo como principal fonte a *Edda Poética*, romances corteses do continente e conectado objetivamente com o reinado de Håkon IV da Noruega.⁴

¹ Pós-Doutor em História Medieval pela USP, professor na UFMA. Coordenador do NEVE, *Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos* (<http://groups.google.com.br/group/scandia>) e membro do *Grupo Brathair de Estudos Celtas e Germânicos* (www.brathair.com). E-mail: johnnilanger@yahoo.com.br

² LANGER, Johnni. História e sociedade nas sagas islandesas: perspectivas metodológicas. *Alétheia: revista eletrônica de estudos sobre Antigüidade e Medievo* 2 (1), 2009, pp. 1-18. Disponível em: <http://www.revistaaletheia.com> (Acesso em maio de 2010).

³ Para um estudo da Saga dos Volsungos e sua inserção na tradição germânica dos Nibelungos, ver: LANGER, Johnni. O mito do dragão na Escandinávia (Parte três: as sagas e o sistema nibelungiano), *Brathair* 7 (2), 2007, pp. 106-141. Disponível em: <http://www.brathair.com> (Acesso em maio de 2010).

⁴ VERA, Javier E. Díaz. Introducción. *Saga de los Volsungos*. Madrid: Editorial Gredos, 1998, p. 7-25.

A trama pode ser dividida em três principais momentos.⁵ O primeiro, relativo à origem da linhagem dos Volsungos, com destaque para os personagens Sigmund e Sinfiotli (cap. I a XII). A segunda parte refere-se ao nascimento e morte de Sigurd, o mais famoso herói da tradição literária germânica – denominado também de Siegfried em outros contextos (cap. XIII a XXXIII). O encontro e a morte do dragão Fafnir, com certeza, é o momento central de toda a saga, reproduzida em cenas de estelas funerárias pagãs, inscrições rúnicas, imagens em igrejas medievais e sobrevivendo pela arte ocidental até nossos dias.⁶ A parte final da obra concentra-se na vingança de Gudrun (cap. XXXIV a XLIV).

O herói Sigurd Fáfnisbani foi o protótipo do modelo de comportamento para o mundo nórdico: ele encarnava a ética e a visão de mundo dos antigos guerreiros germânicos, especialmente a nobreza, a retidão e a fidelidade.⁷ Outra personagem a destacar no livro é a valquíria⁸ Brynhild, amaldiçoada pelo deus Odin, apaixonada pelo herói Sigurd, mas com final trágico. Para alguns pesquisadores, seu simbolismo estaria relacionado à ligação estreita das mulheres com a morte e a violência guerreira no mundo nórdico.⁹ Por sua vez, a figura de Odin é a que mantém maior vínculo da realeza com o passado, sendo as sagas lendárias o gênero onde ele foi mais freqüente.¹⁰

⁵ Outros pesquisadores distinguem a saga essencialmente pelas caracterizações do herói Sigurd: uma introdução, uma descrição de sua juventude, o elenco dos motivos de sua partida para a aventura, o ciclo de aventuras e uma conclusão. Conf. VERA, Javier. Op.cit. p. 18.

⁶ Para um panorama destas representações imagéticas, conferir: LANGER, Johni. Ibidem, pp. 106-141. Para um vislumbre da Saga dos Volsungos na arte oitocentista ver: BOYER, Régis. *Fáfnir/Sigurd Fáfnisbani*. In: *Héros et dieux Du Nord*. Paris: Flammarion, 1997, p. 136-139.

⁷ BOYER, Op.cit. p. 138.

⁸ Sobre o mito das valquírias consultar: LANGER, Johni. *Guerreiras de Odin: as valquírias na mitologia viking. Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking*. Brasília: Editora da UNB, 2009, p. 59-78.

⁹ LE GOFF, Jacques. *A Valquíria. Heróis e maravilhas da Idade Média*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009, p. 290. O famoso medievalista cometeu alguns equívocos neste estudo: a morte de Sigurd por Gutthorn, enquanto dormia em sua cama (p. 289), ocorre na *Saga dos Volsungos* (cap. 32) e não na *Canção dos Nibelungos* – onde Siegfried foi morto em uma floresta por Hagen (cap. 16). Outro erro é considerar que o crepúsculo dos deuses da tradição germano-escandinava foi influenciado pelo ciclo arturiano do século XIII (p. 290). Na realidade, corresponde a fontes orais muito mais antigas, reunidas na imagem do Ragnarök, e presentes no final da Era Viking. Conf. LINDOW, John. *Ragnarök (judgment-of-the-powers). Norse mythology: a guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 254-258. Outro ponto questionável no livro de Jacques Le Goff é considerar a Escandinávia como uma região fora do eixo europeu: “Heroína imaginária, a Valquíria figura aqui porque encarna a presença capital, ao lado do imaginário céltico, do imaginário escandinavo e germânico no medieval, legado ao europeu” (p. 288). Em outra obra, o autor insiste na visão de que a região nórdica não pertence à civilização européia: “A conversão ao cristianismo oferece possibilidades de acesso a uma cultura superior (...) Mas os países escandinavos permanecem arcaicos e marginais na Europa”. Ao

A *Saga dos Volsungos* é uma das obras medievais mais populares e influentes na arte e cultura do Ocidente Moderno. Inspirou desde as óperas de Wagner (*O anel dos Nibelungos* contém mais material escandinavo do que germano-continental), a obra dos pré-rafaelitas (em especial, a escultura *Sigurd* e os poemas *Gudrun e Siegfried* de William Morris), o cinema contemporâneo (de Fritz Lang a Peter Jackson), diversos romances de Tolkien, histórias em quadrinhos, música erudita e rock pesado, entre outras manifestações estéticas.¹¹

O trabalho de tradução de Théó de Borba Moosburger é excelente, criando um texto dinâmico e uma prosa simples e direta. Alguns termos, como *seiðkona*, foram corretamente traduzidos para feiticeira (cap. 7, p. 47), evitando a opção de tradutores de sagas em espanhol e inglês para bruxa – um conceito que somente penetra na Escandinávia após o século XIV.¹² A inclusão de diversas notas explicativas ao texto (num total de mais de 100), permitem ao leitor iniciante das sagas islandesas melhores condições de entender o processo cultural, histórico e mitológico da Escandinávia – perspectiva que também é reforçada pela competente introdução. Alguns pequenos equívocos devem ser ressaltados. Sua afirmação sobre religiosidade é altamente contestável: “(...) todas as fontes escritas de que dispomos para o estudo da antiga religião escandinava terem sido redigidas já alguns séculos depois de os povos do Norte terem abraçado o cristianismo” (p. 16). Na realidade, os pesquisadores tem acesso a fontes nórdicas escritas durante a Era Viking, como é o caso de diversas inscrições rúnicas que contém referências mágicas e religiosas. Além disso, também existem

contrário da Irlanda: “A Irlanda está na Europa”. LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 135. Dentro de uma tradição medievalista tipicamente francesa, Le Goff pensa a Escandinávia – especialmente a da Era Viking - como região marginal à Europa, visto que neste período era pagã e fora das relações político-culturais feudo-cristãs. Nem mesmo a cristianização dessa região conseguiu elevá-la ao nível da *civilização* continental, onde Paris seria o seu centro irradiador. Mas Le Goff esquece que durante a Alta Idade Média, ao lado do mundo bizantino e islâmico, a Escandinávia foi o grande centro comercial e econômico do mundo ocidental. Conf. LOGAN, F. Donald. *The Vikings in History*. London: Routledge, 2005, p. 1-20. Portanto, o mundo nórdico deve ser pensado como integrante da dinâmica histórica e social tanto da Europa quanto do medievo. E o conceito de civilização, superior ou inferior, é totalmente questionável.

¹⁰ TULINIUS, Torfi H. Sagas of icelandic prehistory (fornaldarsögur). In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007, p 456.

¹¹ Para um panorama destas influências, consultar: MJÖBERG, Jöran. Romanticism and revival. In: WILSON, David M. (org.). *The Northern World: the history and heritage of Northern Europe: AD 400-1100*. New York: Harry N. Abrams, 1980, p. 207-238.

¹² Sobre a polêmica dos termos feiticeira e bruxaria na literatura da Escandinávia Medieval, verificar: LANGER, Johnni. Galdr e feiticeira nas sagas islandesas. *Brathair* 9 (1), 2009, pp. 66-90. Disponível em: www.brathair.com (Acesso em maio de 2010).

fontes escritas não-escandinavas da Alta Idade Média, como as de origem árabe, que informam sobre diversos detalhes de cultos e visões de fé para os povos nórdicos.¹³

O livro ainda possui um índice geral (p. 153 a 156) e um resumo da narrativa (p. 141 a 151), que certamente facilitarão muito o manuseio e a leitura por parte dos pesquisadores.

Esperamos que a *Saga dos Volsungos* incentive o interesse e os estudos sobre Escandinávia Medieval em nosso país, que além de carecer de maiores pesquisas na área, está muito atrasado em relação a outros países, como os de língua hispânica, que há muito tempo possuem dezenas de sagas islandesas traduzidas.

¹³ Conforme: LANGER, Johnni. Religião e magia entre os vikings: uma sistematização historiográfica. *Brathair* 5 (2), 2005, pp. 55-82. Disponível em: <http://www.brathair.com> (Acesso em maio de 2010); LANGER, Johnni. Vikings. In: FUNARI, Pedro Paulo (org.). *As religiões que o mundo esqueceu*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, pp. 131-144.